

Diários Gráficos: uma análise sobre os Diários de Dan Eldon

Graphic Diaries: an analysis of the Journals of Dan Eldon

Mateus Segnini Tiberti

Graduando em Arquitetura e Urbanismo
USP, Instituto de Arquitetura e Urbanismo
mateus.tiberti@usp.br

Iniciação Científica pelo Programa de Iniciação Científica
da Pró-Reitoria de Pesquisa da USP financiada pelo
Santander

Prof. Dr. Paulo César Castral

Professor de Arquitetura e Urbanismo
USP, Instituto de Arquitetura e Urbanismo
pcastral@sc.usp.br

Resumo

Este artigo trata dos Diários Gráficos, buscando um panorama geral sobre a produção desse instrumento de representação. Tal visão serve de base para a análise dos Diários Gráficos do fotógrafo e artista inglês Daniel Eldon. Seus diários despertam interesse pelo modo como desenhos, fotografias e colagens são trabalhados, resultando numa grande quantidade de imagens distribuídas por 17 cadernos. Esta produção revela várias conexões com a atividade artística do século XX - desde as colagens de Braque e Picasso até a Pop Art e o trabalho com fotografia realizado por David Hockney. Utiliza-se a teoria semiótica como chave de leitura dos Diários Gráficos, procurando desconstruir as imagens dos diários a fim de tornar mais claros os métodos utilizados por Dan Eldon na estruturação de uma mensagem. Na análise das imagens, a fotografia é um fio condutor que orienta a investigação das páginas dos cadernos. Através da produção de Dan Eldon buscamos verificar como os Diários Gráficos funcionam como instrumentos de documentação, memória e construção da identidade pessoal e defendemos a validade dos mesmos como instrumentos de representação e auxílio para a construção de um discurso sobre o real. Buscamos assim contribuir para a expansão da pesquisa de Diários Gráficos.

Palavras-chave: diário gráfico, colagem, fotografia, representação.

Abstract

This article discusses the Graphic Diaries, seeking a general overview on the production of this representation instrument. This vision is the basis for the analysis of the Graphic Diaries of the English photojournalist and artist Daniel Eldon. His diaries arouse interest in how drawings, photographs and collages are worked, resulting in a large amount of images spread over 17 books. This production reveals multiple connections to the artistic activity of the twentieth century - from the collages of Braque and Picasso to Pop Art and photography work done by David Hockney. It is used semiotic theory as a key to reading the Graphic Diaries, seeking to deconstruct the images of the diaries in order to clarify the methods utilized by Dan Eldon in the structuring of a message. In images analysis, photography is a common thread that guides the investigation of the notebooks pages. Through the production of Dan Eldon we tried to verify how the Graphic Diaries work as instruments of documentation, memory and the construction of personal identity and we defend their validity as instruments of representation and assistance for the construction of a discourse about the real. We seek to contribute to the expansion of research of Graphic Diaries.

Keywords: graphic diary, collage, photography, representation.

Introdução

Este artigo apresenta questões desenvolvidas numa pesquisa de Iniciação Científica realizada entre 2011 e 2012. Foram estudados os Diários Gráficos, buscando um panorama geral sobre a produção destes. Defendemos sua validade enquanto instrumento de representação e auxílio para a construção de um discurso sobre a realidade. Analisamos os Diários em sua qualidade de registro de uma época, o que nos permite interpretar como uma pessoa (ou uma sociedade) compreendia a si mesma e o mundo.

Tal visão serve de base para a análise dos Diários Gráficos do fotojornalista e artista inglês Daniel Robert Eldon, nascido em 1970. Filho de pai inglês e mãe americana, Dan (como ficou conhecido) trabalhou como fotojornalista e morreu enquanto realizava a cobertura da guerra civil na Somália no ano de 1993. Durante sua breve vida, Dan Eldon realizou uma quantidade imensa de atividades, viveu em vários lugares (na Inglaterra, Quênia e Estados Unidos) e viajou para mais de 40 países. Desde criança produziu diários gráficos (totalizando 17), onde trabalhou com fotografias e colagens, retratando seu cotidiano e suas viagens. Porém, devemos ressaltar que não existia uma divisão muito clara dessas duas realidades em sua vida. Estes cadernos constituem um objeto de análise muito rico. Ao nos

confrontarmos com os diários de Dan podemos perceber que ele utiliza e reinterpreta vários procedimentos desenvolvidos por artistas plásticos e que sua produção é relevante na esfera da arte.

Procuramos desconstruir as imagens dos diários de Dan Eldon a fim de tornar mais claros os métodos utilizados por ele na estruturação de uma mensagem. Para isto, utilizamos como chave de leitura a teoria semiótica, tendo por base a teoria geral dos signos de Charles Sanders Peirce (1839-1914) e o desenvolvimento dado por Martine Joly em seu livro “Introdução à análise da imagem” (2002). Portanto, assumimos os Diários como representações visuais e instrumentos de construção de uma mensagem sobre a realidade.

Através dessa análise da produção de diários por Dan buscamos verificar como os Diários Gráficos funcionam como instrumentos de representação, documentação, memória e construção da identidade pessoal. Os Diários Gráficos são como que repositórios e laboratórios de ideias e experiências – uma espécie de ateliê portátil. Uma das características mais notáveis dos Diários Gráficos é que eles são um registro: um suporte para a memória de seu autor (registramos aquilo que não queremos esquecer, por ter alguma importância específica) e também são registros para a posteridade, ajudando-nos a entender como uma pessoa (ou uma sociedade) compreende e vê o mundo em diferentes épocas.

Em relação à linguagem dos Diários Gráficos, devemos notar que existe uma diferença entre quando utilizamos folhas soltas para fazer desenhos e anotações, e quando utilizamos cadernos. Num caderno, a sucessão de páginas constitui uma narrativa, um discurso. Esse encadeamento revela que o caderno é um objeto que é construído no tempo. Como afirma Danny Gregory, “conforme você vira as páginas, você sente o tempo passar. Você vê os momentos serem gravados em sequência” (2008, p.1).

Com relação aos procedimentos, verificamos que basicamente todos os cadernos baseiam-se sobre o mesmo suporte: a folha de papel. São bastante comuns desenhos a lápis, a tinta, aquarelas e colagens. A fotografia é predominante na maioria das páginas dos diários de Dan. Podemos até encontrar um número razoável de desenhos em seus primeiros cadernos, mas a quantidade de fotografias e recortes de revistas e jornais (entre outras coisas) prevalece quando consideramos todos os cadernos produzidos durante sua vida.

Em si mesmas, as fotografias de Dan já constituem um interessante objeto de estudo. Ele iniciou muito jovem uma carreira como fotojornalista, acompanhando sua mãe nas reportagens para o principal jornal do Quênia, The Nation. Depois trabalhou para a Reuters, cobrindo a guerra civil na Somália nos início dos anos 90. Mas o interessante da produção de Dan Eldon é a maneira como ele reelabora suas próprias fotografias, utilizando-se sobretudo de procedimentos de colagem. Em vez de simplesmente guardar suas inúmeras fotos num álbum de fotografias, Dan utiliza-se desse material para produzir novas imagens, reforçando ou expandindo seu significado. Por esse motivo, a fotografia é uma peça chave para a análise

das imagens dos diários de Dan. Além disso, é muito interessante o fato de se produzir colagens em Diários Gráficos, já que normalmente predominam nesse meio as representações através de desenhos.

No contexto da produção artística da arte nos anos 1970 e 1980, Dan não se insere com um papel de vanguardista, antes, sua pesquisa consiste na reelaboração de procedimentos de outros artistas. Procuramos, portanto, estabelecer as relações entre a produção de Dan Eldon e a atividade artística do século XX, desde as colagens de Braque e Picasso até a Pop Art.

Assim, com essa pesquisa procuramos contribuir para a expansão da pesquisa de Diários Gráficos, tomando como objeto de análise os diários de Dan Eldon que se distinguem por utilizar a fotografia e a colagem como meios de representação.

Diários gráficos e a teoria semiótica

Para estudar os Diários Gráficos é preciso, antes de tudo, entender o que é imagem. Uma imagem é algo que nós usamos para nos referir a uma outra coisa. Isso coloca a imagem na categoria das representações. Se ela parece é porque ela não é a própria coisa: sua função é, portanto, evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo de semelhança. “Se a imagem é percebida como representação, isso que dizer que a imagem é percebida como signo” (JOLY, 2002, p.39).

Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi um pioneiro na elaboração de uma teoria geral dos signos. Para este, um signo é algo que está no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade. O signo designa algo que se percebe (cores, calor, formas, sons) e a que se dá uma significação, e um signo só é “signo” se “exprimir idéias”. Segundo a teoria de Peirce, num signo existe a relação entre três polos: o Interpretante (ou Significado), o Significante (ou Representamen, a parte perceptível do signo) e o Referente (ou Objeto). Dependendo da relação entre o Significante e o Referente, os signos podem ser classificados como ícones, índices ou símbolos. Desse modo, se essa relação for de semelhança (analogia) temos um ícone, se for de vestígio trata-se de um índice, e se for uma relação de convenção considera-se um símbolo.

Além disso, segundo Martine Joly (2002), o que se chama “imagem” é heterogêneo, pois reúne e coordena dentro de um quadro diferentes categorias de signos: Signos icônicos (analógicos), signos plásticos (cores, formas, textura), signos linguísticos (linguagem verbal).

A imagem é algo que designa outra coisa e sua produção depende de alguém. Ela é uma interface mediadora entre o Homem e uma determinada realidade e através dela transmite-se uma mensagem. A análise da imagem dos Diários Gráficos tem como objetivo

compreender o que essa mensagem provoca de significações aqui e agora, colocando em discussão sua função e contexto de surgimento.

O Diário Gráfico serve a construção de um ponto de vista que se traduz num fragmento do real visível, mental, ou numa combinação de ambos. O registro feito num caderno funciona como arquivo que conserva os registros no espaço e no tempo, e substitui o referente. (CRUZ, 2011, p. 14)

Em síntese, percebemos que a imagem é uma representação, um signo semiótico, algo que nós usamos para nos referir a uma outra coisa. Também entendemos que o Diário Gráfico é uma representação visual, composta por várias categorias de signos: signos icônicos (analógicos), signos plásticos (cor, formas, texturas, composição) e signos linguísticos (linguagem verbal). À luz desses conceitos, devemos analisar os meios utilizados por Dan Eldon na construção de suas imagens.

Fotografia e colagem

Tendo em vista a importância da fotografia e da colagem na produção de Dan, é necessário destacar algumas questões relacionadas a esses meios. As primeiras teorias sobre a fotografia tratam da problemática da verossimilhança, discutindo a relação entre a fotografia e a realidade. A foto é percebida como uma espécie de prova que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra (trata-se a foto como ícone), como afirma Dubois (1994). Depois, entende-se que a fotografia não é um meio neutro e inocente – uma reprodução fiel do real. Sendo a fotografia um conjunto de códigos, a significação da mensagem fotográfica é determinada culturalmente e sua recepção depende de um aprendizado de códigos de leitura (foto como símbolo). O terceiro momento da discussão sobre a fotografia entende esta como um índice. Em parte, retoma-se a questão da verossimilhança, porém, o crédito dado à fotografia como prova da existência de algo deve-se não ao efeito de mimetismo, mas à relação de contiguidade momentânea que existe entre a imagem e seu referente. Com isso temos que “a foto é antes de mais nada índice antes de ser ícone” (DUBOIS, 1994, p.35).

Além dessas questões, devemos notar que toda fotografia é um recorte do mundo. Ao produzir fragmentos da realidade, a foto descontextualiza as coisas e retira a noção significado da imagem. Por causa dessa dissociação, muitas vezes recorre-se à mensagem linguística para dizer aquilo que a imagem fotográfica não pode dizer por si só.

A abstração e a visão fragmentada, próprias da fotografia, também são características do cubismo. Moholy-Nagy afirma que “a técnica e o espírito da fotografia influenciaram o cubismo, direta ou indiretamente” (apud SONTAG, 1981, p.89). Com o cubismo, inicia-se a produção de colagens enquanto técnica artística. Aos poucos, os cubistas vão se libertando das controladoras leis da perspectiva e deslocando o foco para o espaço pictórico de todo

quadro. O objeto de percepção torna-se a própria composição. Em 1913 Braque inventou a técnica do papel colado (papier collé).

Devemos ressaltar também a importância da fotografia para o desenvolvimento da colagem. Segundo Castro, a fotografia poupa o artista da pura representação, deixando o artista da colagem livre para trabalhar a investigação formal através de seu imaginário, de propor uma nova realidade a partir da ficção, de somar realidades distintas e modifica-las (2009). Além disso, sendo a fotografia um recorte da realidade, as imagens utilizadas na colagem são o recorte do recorte. O artista da colagem escolhe sobre o já escolhido e processado pela câmera fotográfica, conforme analisa Castro (2009).

Quanto aos materiais usados para as colagens, ao incorporar elementos da realidade na composição (devemos notar: não elementos que remetem à realidade, mas objetos retirados da própria realidade) a colagem servia para os cubistas demonstrarem que não existe separação entre o espaço real e o espaço da arte.

As matérias coladas são sempre refugo, coletadas cuidadosamente entre tantas outras por suas características de cor, forma e mensagem inerente com história e passado próprio, produto industrializado, restos da sociedade de consumo que se consolida vertiginosamente, e na maioria das vezes, resulta de impressão tipográfica ou fotográfica. A escolha e o uso dos materiais colados não são arbitrários. (CASTRO, 2009, p.48)

Do mesmo modo, os diários de Dan Eldon eram um espaço que abrigava o efêmero, utilizando em suas colagens os mais diversos materiais:

Ele pilhava a casa procurando por miudezas: embalagens de comida, tecidos, cordas, pedaços de ticket, revistas velhas. Quando esgotou a fonte, ele ampliou sua área de procura. Quanto mais bizarro ou raro um objeto, melhor - um jornal árabe era mais valioso que um em inglês.[...]Os diários uniram o Dan explorador, o catador de coisas e o fotógrafo. Eles eram uma extensão do explorador visual que Dan foi desde sua infância. (NEW, 2001 p.44-45)

Depois de colocarmos em evidência essas questões teóricas a respeito da representação e da imagem nos Diários Gráficos (e também tratar dos meios de expressão utilizados em sua produção) podemos passar à análise dos Diários de Dan Eldon.

Análise dos diários de Dan Eldon

Nessa pesquisa sobre Diários Gráficos, definimos estes como instrumentos que, através da produção de imagens, constroem um ponto de vista sobre a realidade. Os cadernos são arquivos que conservam os registros no espaço e no tempo. São também o testemunho de uma época e de um local, e através deles podemos interpretar como era a vida de determinada sociedade. Entendemos a imagem como um signo semiótico, uma representação visual composta por significantes icônicos, plásticos e linguísticos. A imagem é uma interface mediadora entre o Homem e uma determinada realidade. Sua análise implica em descobrir o que esta significa aqui e agora.

Podemos afirmar que a imagem é um signo analógico, pois a semelhança é seu princípio de funcionamento. O problema da imagem é o da semelhança, as desconfianças que suscita provêm de suas variações: a imagem pode ser perigosa tanto pelo excesso quanto por falta de semelhança. Por exemplo, para Platão, a imagem engana, enquanto que para Aristóteles a imagem educa e através dela podemos chegar ao conhecimento. Até hoje, permanece o entendimento de que a imagem implica uma passividade na sua recepção e que ela pode nos seduzir e enganar.

Ao analisar uma imagem, é preciso antes entender que ela não é uma linguagem universal. Temos a impressão que qualquer pessoa em qualquer época ou sociedade é capaz de “ler” uma imagem. No entanto, para poder compreender o sentido de qualquer imagem é necessário um aprendizado. “Reconhecer motivos nas mensagens visuais e interpretá-los são duas operações mentais complementares, ainda que tenhamos a impressão de que são simultâneos” (JOLY, 2002, p.43).

O trabalho de análise consiste em decifrar as mensagens que existem por trás da aparente naturalidade das imagens. “Compreender o que essa mensagem, nessas circunstâncias, provoca de significações aqui e agora” (JOLY, 2002, p.44).

A metodologia que utilizamos para a análise dos Diários de Dan Eldon, à luz da teoria semiótica do signo, consiste em distinguir na imagem a mensagem plástica (cor, formas, composição, texturas), a mensagem icônica (em seus diferentes significados, denotativos ou conotativos) e a mensagem linguística (observando se a relação entre texto e imagem é de ancoragem ou revezamento). Mas antes disso, foi importante traduzir verbalmente a imagem, fazendo uma descrição desta.

Além disso, após um mapeamento das páginas dos Diários de Dan Eldon a que tivemos acesso, agrupando-as por semelhança, pudemos notar algumas recorrências nos

procedimentos e técnicas utilizadas na composição das imagens. Definimos a partir disto três chaves de leitura, que chamamos: 1. antítese; 2. álbuns de fotografias; 3. colagens.

A primeira chave de leitura surge da observação de que na maioria das vezes Dan utiliza todo o campo formado pelas duas páginas dos cadernos, ao invés de utilizar cada página como um campo de trabalho distinto e isolado. As imagens desse grupo apresentam alguma relação entre as duas páginas, muitas vezes uma relação de oposição e variação. Dan utiliza a mesma fotografia, ou fotos muito semelhantes, colocando uma em cada página, sendo que há pequenas variações entre essas imagens. A questão desse procedimento é entender como essa pequena diferença entre as páginas produz um significado.

Em alguns casos este procedimento traduz-se ao colocar uma fotografia em preto e branco ocupando a totalidade de uma página e na página seguinte, a mesma fotografia colorida com lápis ou caneta. Ou então, justapõem-se duas imagens muito semelhantes, uma revelada em preto e branco e a outra em tons de sépia (ou então em preto e branco, mas invertida). Em alguns casos uma das imagens sofre alguma alteração, como num “jogo de sete erros”. É interessante o significado gerado por esta justaposição que produz às vezes uma relação de ironia ou humor. Por vezes as imagens não possuem um sentido muito claro, importando mais seu caráter de experimentação, utilizando cores, técnicas de revelação das fotografias e eixos de simetria.

Percebemos que o procedimento de associar imagens semelhantes em páginas opostas pode gerar vários efeitos entre as imagens que compõem a imagem total (aquela onde aparecem as duas páginas juntas). Estabelece-se uma comparação ou cria-se um efeito dinâmico pela repetição e variação das imagens. Ou então, a justaposição destas revela antes uma preocupação plástica do que a tentativa de criar um sentido. Pode-se gerar um contraste entre as páginas, numa experiência visual. Cria-se também dois tempos distintos de leitura das imagens. Além disso, a justaposição de imagens semelhantes coloca em evidência aquilo que existe de diferente entre elas, o que permite estabelecer relações de significado entre os

objetos que diferem em cada imagem. Na figura 1 temos exemplos de páginas onde predomina essa técnica.

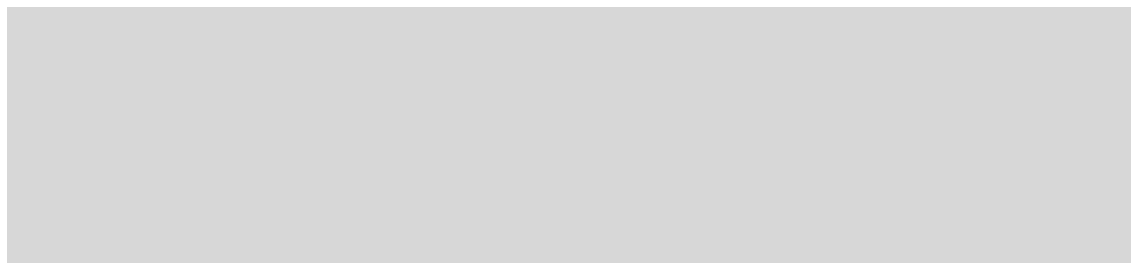


Figura 1: páginas onde há uma oposição de imagens. Fonte: www.daneldon.org

O segundo grupo de imagens é composto por páginas onde as fotografias aparecem como num álbum de fotos. Estas não estão recortadas e são coladas obedecendo uma geometria ortogonal em relação ao campo da página e entre si. De modo geral, notamos que são coladas entre uma ou três fotografias por página. Existem também pequenas variações dentro desse grupo: a página do caderno pode receber um tratamento com uma pintura ou não, as fotos podem ter margens desenhadas ou pintadas e podem ser introduzidos alguns elementos gráficos no espaço entre as fotos. No entanto, o que importa é notar o esquema básico de disposição das fotografias, que se repete várias vezes em várias páginas dos cadernos.

Como já foi dito, a fotografia tem um papel importante na produção de Dan Eldon. No entanto, ainda que guardem uma semelhança com os álbuns de fotografia tradicionais, os diários de Dan ultrapassam estes, através da utilização de colagens e do modo como as fotografias são elaboradas. Neles, a maior parte das fotos são coladas seguindo o formato em que são reveladas (retangular ou quadrado), mas também há algumas fotografias que são recortadas. Não é comum encontrarmos sobreposições entre as fotos - na maioria dos casos as imagens estão justapostas ou com um espaço entre si.

O esquema básico desse grupo mostra uma relação ortogonal entre as fotografias e o campo em que estão inseridas (a página do caderno). O “fundo” que serve de suporte para as fotos quase nunca é branco, sendo tratado com alguma textura ou cor. Às vezes o tratamento utilizado para a composição do fundo é também usado sobre as fotografias. Pode-se observar também que em algumas páginas o “fundo” não invade os limites da fotografia. As margens das fotografias têm um papel importante, apresentando algum tipo de tratamento – ou as fotografias são reveladas com bordas, ou estas são desenhadas com tinta, ou então

montadas com colagem de fitas e outros elementos. No entanto, em algumas páginas o fundo e as fotografias se misturam e chegam a se confundir. Esse procedimento evolui de modo tal que do *álbum de fotografia* chega-se à colagem.

Notamos que em algumas páginas o texto assume um papel fundamental, servindo de legenda ou como um fio condutor de uma narração que está relacionada às imagens. É comum encontrarmos pequenas narrativas ao longo dos diários de Dan - geralmente são descrições dos acontecimentos mostrados pelas imagens ou então são pequenas histórias inventadas por Dan e que fogem totalmente da realidade dos fatos apresentados nas imagens. O texto pode funcionar como apoio para as imagens ou constituir um elemento em si mesmo, funcionando como textura como uma carta ou um relato que ocupa um campo determinado ou o espaço entre as imagens.

Nesse grupo de páginas, podemos observar que as fotografias têm um destaque nas colagens. São páginas semelhantes às de um álbum de fotografias por reunirem fotos de um mesmo evento, tomadas no mesmo lugar e espaço de tempo (seja uma festa de aniversário ou a ceia de natal). Desse modo, elas oferecem distintos pontos de vista, construindo uma pequena sequência narrativa. Por exemplo, na figura 2 (à esquerda) estão reunidas várias perspectivas de uma mesma paisagem. Ou então são reunidas fotos de eventos distintos mas afins, como nas páginas do centro da figura 2. É importante notar que em muitos casos as fotos são separadas do resto do campo por uma margem e poucas vezes são recortadas – não se trabalha com fragmentos de fotografia, mas com as fotos em sua integridade.

Vemos que esse modo de trabalhar as fotografias permanece até as últimas páginas dos diários de Dan Eldon, que relatam o conflito na Somália (direita da figura 2). Estas nos dão algumas pistas sobre o modo de trabalho de Dan Eldon. Provavelmente Dan começava a trabalhar as páginas dos cadernos colando de uma a três fotos e depois adicionando outras camadas de informações: textos, fragmentos de impressos, pequenos objetos, pinturas. As páginas sobre a Somália mostram simplesmente fotografias coladas em páginas em branco, que assim mesmo possuem uma forte carga expressiva. Quando comparadas às outras páginas dos diários notamos uma diferença, como se faltasse algo. Talvez estas colagens tenham ficado inacabadas por causa da morte de Dan Eldon. Mas podemos fazer também outra interpretação; diante da situação extrema que é a guerra não há muito mais o que dizer. Seria estranho trabalhar essas fotografias com humor ou ironia (como acontece no restante dos diários). Talvez por isso as imagens são apresentadas de maneira tão crua.

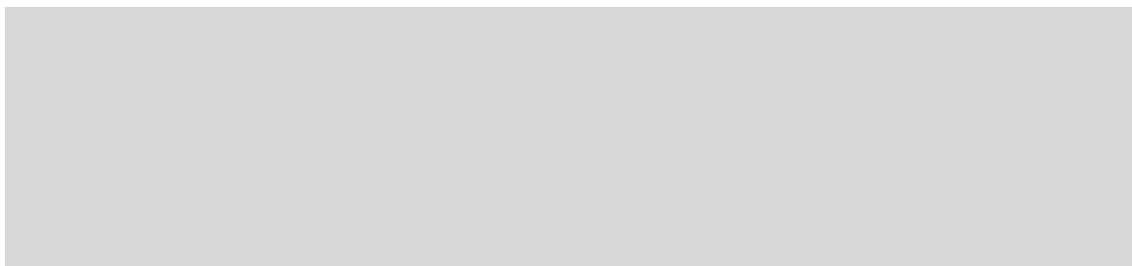


Figura 2: Páginas onde a disposição das fotos é semelhante a um álbum de fotografias.
Fonte: www.daneldon.org

O terceiro grupo reúne as colagens propriamente ditas (Figura 3). Notamos que nos Diários de Dan Eldon esse procedimento é consequência da experimentação com fotografia. É como que uma variação última do segundo grupo, recortando as fotos e todo tipo de material impresso, além da introdução de inúmeros objetos, tais como sementes, penas, pele de cobra, selos, moedas e notas de dinheiro. Geralmente são objetos pequenos e bidimensionais, de modo que podem ser colados nas páginas dos cadernos.



Figura 3: Páginas onde predomina a técnica de colagem. Fonte: www.daneldon.org

A colagem, ao lado da fotografia, é uma das técnicas mais exploradas por Dan Eldon (muito mais do que o desenho). Nesse procedimento distinguimos dois modos de trabalhar os fragmentos: ou considerando a sua materialidade (na composição da imagem os fragmentos são utilizados por causa de suas qualidades materiais, como cor, forma e textura), ou então utilizando os fragmentos para a construção de uma ideia ou uma narrativa, importando mais os signos icônicos presentes nas imagens. Os fragmentos quase sempre são refugos que Dan seleciona para compor suas colagens. Ao incorporar elementos do mundo real à superfície bidimensional da pintura, os artistas da colagem arruinam o conceito de mundo tridimensional fictício da obra de arte que se consolidou como verdade desde o Renascimento. Na colagem, o objeto de percepção torna-se a própria composição.

A fotografia continua tendo um papel importante neste grupo, mas é trabalhada de uma maneira diferente da chave anterior. Nas colagens as fotografias são fragmentos que se unem a outros fragmentos para formar um todo. Sendo a fotografia um recorte da realidade, recortá-la significa escolher sobre o que já foi escolhido. Estes cortes costumam preservar ou seguir a forma do objeto fotografado, excluindo aquilo que se caracteriza como fundo. Também, eles costumam ser mais ou menos regulares, podendo-se inclusive rasgar as fotos ou cortá-las com uma tesoura ou estilete. Nas colagens a fotografia toma o papel do desenho quanto à pura representação da realidade. Talvez por esse motivo não existam muitos desenhos nos diários de Dan.

As colagens são compostas por diversos fragmentos autônomos que ao se unirem formam uma imagem com um sentido único. Foi possível notar diversas formas de se unirem os fragmentos: quando estes apresentam dimensões semelhantes entre si e são menores que o campo das páginas a colagem lembra um mosaico mais ou menos homogêneo. Também há colagens em que os fragmentos possuem formas e tamanhos diferentes entre si.

As colagens que Dan Eldon realizou costumam apresentar várias camadas de fragmentos que se sobrepõem umas às outras. Tais camadas testemunham o tempo despendido em cada imagem, tempo ao mesmo tempo de reflexão e experimentação. Mas essa sobreposição mostra um pouco da personalidade de Dan Eldon e das características de seus cadernos, já que estes não possuem uma linearidade cronológica. Às vezes Dan trabalhava em mais de um caderno ao mesmo tempo, sem a preocupação de terminar um diário para começar outro. Do mesmo modo, as imagens podiam ser terminadas aos poucos, mostrando uma liberdade de pesquisa, sem a pressão de se chegar a um resultado.

Neste grupo de imagens notamos como as fotografias são trabalhadas e recortadas de modo a destacar um objeto ou figura em cada fragmento. Geralmente nessas colagens são utilizadas fotografias de vários eventos e diferentes significantes icônicos que nem sempre conseguem produzir uma mensagem decifrável. Por vezes os fragmentos de fotografias e impressos têm mais a função de matéria-prima, importando menos seu significado icônico.

Quanto ao modo de realizar os recortes das imagens, Dan Eldon utiliza várias vezes uma técnica muito parecida com o trabalho *Cameraworks*, do artista britânico David Hockney. Este último realiza várias fotomontagens utilizando câmeras polaroide. O procedimento consiste em montar uma imagem a partir de várias fotografias com partes de uma mesma cena ou objeto. Esse processo é semelhante ao de desenho ou pintura, onde o olhar se detém sobre cada detalhe do objeto a ser desenhado. Assim, cada fotografia se concentra numa parte específica do objeto e a soma dessas partes produz uma imagem total. O procedimento que Dan Eldon realiza chega próximo do resultado final de Hockney, mas é fundamentalmente

distinto deste. Dan utiliza fotografias com diversos ângulos de um mesmo objeto. Ele recorta essas fotografias, as mistura e depois reorganiza os fragmentos, como na figura 4.



Figura 4: Modos de utilizar os recortes de fotografias. Fonte: www.daneldon.org

Na duas páginas da figura 5 observamos uma colagem bastante complexa. Foram utilizadas fotocópias de três imagens que se repetem e alternam. As fotocópias mostram a imagem da palma de uma mão e de rostos e o resultado final lembra o trabalho realizado com serigrafias por Andy Warhol.

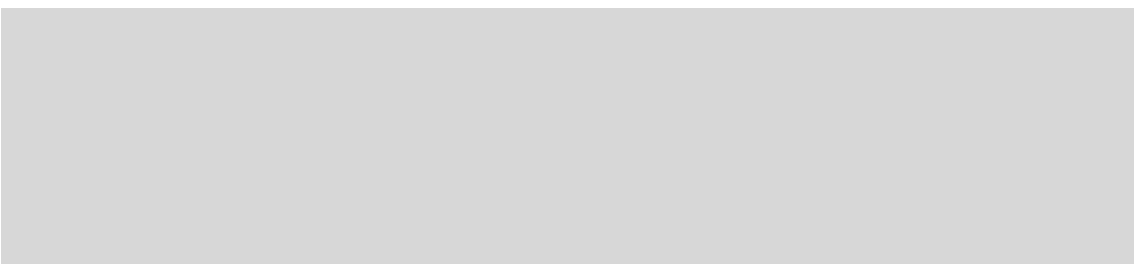


Figura 5: **Colagem de Dan Eldon.** Fonte: www.daneldon.org

Coladas às páginas do caderno, as fotocópias enquadram o rosto de duas meninas, destacando-se seus olhos. As cores determinam massas dentro de cada imagem, apresentando uma pintura uniforme de amarelo, vermelho roxo, verde e rosa. Em cada folha há uma margem retangular preta – não muito espessa e bastante regular. O que aparece escrito na página da direita nos ajuda a entender o significado da imagem. Escrito à mão com letras maiúsculas, de maneira bastante sutil, lemos: *Matindoni island, Lamu – wedding prep./decorating hands with henna*. Matindoni é na realidade um vilarejo na ilha de Lamu, localizada na costa do Quênia, onde Dan Eldon e sua família costumavam passar períodos de férias. As imagens referem-se ao costume (bastante comum em regiões de cultura africana e islâmica) de pintar as mãos e os pés com hena. O interessante desta colagem é como um tema fotográfico simples é trabalhado de um modo plástico tão refinado.

Nas representações dos diários gráficos notamos a construção de um olhar crítico e ativo sobre a realidade. Os Diários Gráficos surgem da necessidade de fixar as experiências e são uma fonte de informação, um suporte para a memória de seu autor, um lugar de experiência livre (como um pequeno atelier portátil). Paralelamente ao tema da viagem notamos a construção de um discurso autobiográfico – ao lado da descoberta de uma paisagem exterior o encontro com uma paisagem interior. Esta ideia se associa com a de viagem (em sentido lato, o que Dan Eldon chamava de *Safari as way of life*). Aqui o ato de viajar não diz respeito tanto a um deslocamento no espaço, mas uma atitude interior que olha a realidade de modo crítico e procura ver as coisas como se fosse a primeira vez que as visse.

Esse olhar ativo, (olhar com intenção) demanda tempo – o que notamos nas páginas dos Diários Gráficos de Dan Eldon: nas fotografias, que testemunham o tempo transcorrido na observação de cada detalhe e nas colagens. Realiza-se assim uma seleção daquilo que já foi recortado da realidade pela fotografia, reelaborando os fragmentos para a construção de uma nova mensagem. Isto revela um repensar sobre a realidade que resulta numa imagem que é composta aos poucos, através da adição de várias camadas.

Conclusão

Por meio desta pesquisa vemos como os Diários Gráficos se caracterizam como instrumentos de representação, que constroem um discurso sobre a realidade. Uma das características mais notáveis dos Diários Gráficos é que eles são um registro: um suporte para a memória de seu autor e também são registros para a posteridade, ajudando-nos a entender como uma pessoa compreende e vê o mundo em diferentes épocas – tudo isso através de imagens.

Como a imagem é uma interface mediadora entre o Homem e uma determinada realidade, pois através dela transmite-se uma mensagem, a análise da imagem dos Diários Gráficos tem como objetivo compreender o que essa mensagem provoca de significações aqui e agora, colocando em discussão sua função e contexto de surgimento.

Com relação aos Diários Gráficos, notamos que a representação por meio de desenhos, fotografias e colagens está relacionada à construção de um olhar sobre o mundo. O que se registra nos Diários é resultado de uma busca, de uma intencionalidade no olhar. Principalmente notamos esse fato nos Diários de Dan Eldon.

Podemos pensar os diários gráficos como lugar privilegiado para desenvolver essa pesquisa livre, cheios de coisas efêmeras e ideias que não devem ser esquecidas. Instrumentos para ajudar a pensar, a desenvolver uma ideia, um suporte para a memória e a inteligência.

A fotografia é utilizada unida à colagem: ao fragmentar o mundo e distorcer as relações entre imagem e real, abre-se o caminho para que os fragmentos sejam reorganizados e constituam uma nova totalidade com algum sentido. Através das colagens é possível construir uma narrativa e dar um novo sentido à realidade, num processo de ressignificação.

Podemos ler os Diários de Dan como um objeto sem uma finalidade em si mesmo. Ao que tudo indica, não era sua intenção publicá-los – isto só ocorreu postumamente por meio de sua mãe. De um modo geral, os Diários Gráficos constituem um mundo privado. A priori, estes não são feitos para ficarem expostos em museus ou galerias. Sua recepção é originalmente individual, diferente de como a arte é recebida nos nossos dias, através de meios de comunicação em massa. Dan utilizava seus cadernos como instrumento para a reflexão sobre o mundo em que vivia e sobre sua própria vida.

Foi possível analisar e identificar os procedimentos recorrentes e estabelecer padrões de construção da mensagem visual no trabalho de Dan Eldon. Longe de esgotar o assunto, esta pesquisa dá um passo em direção à análise da produção de um tipo específico de Diário Gráfico, que utiliza outros meios de representação além do desenho. Demonstra também a validade da utilização dos Diários Gráficos como instrumentos de representação do real e de construção de um discurso que dá sentido a este. No caso de Dan Eldon, destaca-se o papel dos diários na construção de sua identidade pessoal. Neles, Dan coloca suas dúvidas, anseios, decepções, lutas internas, alegrias e trabalha tudo isso através de imagens.

Os cadernos de Dan Eldon mostram como há uma conexão profunda entre o registro nos Diários Gráficos e o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade. Esta atitude mental, de ser receptivo e não ter ideias pré-concebidas dos lugares que visita, de “olhar como

se nunca tivesse visto” e repensar a realidade, tão fundamental para o viajante, pode ser trazida para a vida cotidiana. Tal atitude ajuda-nos a enxergar além do véu do hábito e do cotidiano que nos envolve.

Agradecimentos

Agradecemos aqui ao Núcleo de apoio à pesquisa em estudos de linguagem em arquitetura e cidade (N.elac) pelo suporte ao desenvolvimento deste trabalho, ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP), à Pró-reitoria de Pesquisa da USP e ao Santander pelo apoio financeiro para a realização da Iniciação Científica que serviu de base para este artigo.

Referências

- ADES, Dawn. Fotomontage. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- CAMPOS, Haroldo de (Org.). Ideograma: lógica poesia linguagem. São Paulo: Edusp, 2000.
- CASTRO, Cleusa de. Collage: justaposição e fragmentação em arquitetura. 2009. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-24032010-095120/>>. Acesso em: 2012-09-21.
- CRUZ, Tiago. Do registo privado à esfera pública: o diário gráfico enquanto meio de expressão e comunicação visual. Maia: ISMAI, 2012. 98 p. Tese (Mestrado) - Mestrado em Comunicação na Era Digital: Estratégias, Indústrias e Mensagens, Instituto Superior da Maia, Maia, 2012.
- DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 1994. 362 p.
- ELDON, Daniel R., ELDON, Kathy M. The journey is the destination: the journals of Dan Eldon. San Francisco: Chronicle Books, 2011. 212 p.
- GREENBERG, Clement. A revolução da colagem. In: CONTRIM, Cecília, FERREIRA, Glória (Org.) Clement Greengerg e o debate crítico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 95-100.
- GREGORY, Danny. An illustrated life: drawing inspiration from the private sketchbooks of artist, illustrators and designers. Ohio: HOW Books, 2008. 266 p.
- JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus, 2007. 155p.
- NEW, Jennifer. Dan Eldon: Safari as a way of life. San Francisco: Chronicle Books, 2011. 186 p.
- NEW_____. Dan Eldon: The Art of Life. San Francisco: Chronicle Books, 2001. 290 p.
- PISCITELLI, Mariapaola. Del viaje al arte. Imaginar, Porto, n.54, p.60-67, 2012.
- SALAVISA, Eduardo. Diários de Viagem. Desenhos do Quotidiano. Lisboa: Quimera, 2008.
- SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia. Rio de Janeiro: Arbor, 1981. 200 p.